

TRADUÇÃO: “A VINGANÇA DE AMLETH, PRÍNCIPE DA JUTLÂNDIA”: APRESENTANDO O ANCESTRAL NÓRDICO DE HAMLET

Tiago Quintana
Mestre em Linguística Aplicada (PIPGLA-UFRJ)
Doutorando em Letras Clássicas (PPGLC-UFRJ)
quintanads@yahoo.com.br

Recebido em: 21/03/2019
Aprovado em: 24/03/2019

Resumo :

A peça *A trágica história de Hamlet, príncipe da Dinamarca*, de William Shakespeare, narra a vingança perpetrada pelo protagonista epônimo contra o tio pelo assassinato do pai. Seu enredo teve como fonte de inspiração a história de Amleth, provavelmente originária de uma tradição oral dos povos nórdicos, mas registrada por escrito no século XIII na *Gesta Danorum*. É apresentada aqui a primeira tradução da história de Amleth para o português na esperança de que esse material atraia mais atenção a este personagem especificamente e à produção literária dos nórdicos medievais em geral.

Palavras-chave : Sagas – tragédia – Hamlet – Amleth

Abstract :

The play *The Tragedy of Hamlet, Prince of Denmark*, by William Shakespeare, tells of the vengeance carried out by the eponymous protagonist against his uncle for the murder of his father. Its plot had as its source of inspiration the story of Amleth, which probably originated from the oral tradition of the Norse peoples, but recorded in writing in the 13th century in the *Gesta Danorum*. Here is presented the first translation into Portuguese of Amleth's story in the hopes that this material brings more attention to this character specifically and the literary production of the Norsemen in general.

Keywords : Sagas – tragedy – Hamlet – Amleth

INTRODUÇÃO

Narrativas sobre vinganças têm sido recorrentes ao longo da História. Os antigos egípcios, por exemplo, tinham o mito dos deuses Hórus e Set, no qual o deus Hórus derrota Set para vingar o assassinato de seu pai, o deus Osíris, e tornar-se governante de direito do Egito; já o público contemporâneo tem personagens como o Justiceiro, da editora Marvel Comics (originalmente um personagem de histórias em quadrinhos, criado em 1974 por Gerry Conway, John Romita, e Ross Andru, depois adaptado para as séries de Netflix *Demolidor* [2015-2018] e *O Justiceiro* [2017-2019]), que busca vingança contra todos os criminosos pelo assassinato da esposa e dos filhos.

Uma dessas histórias de vingança é a tragédia elisabetana¹ produzida c. 1601² *A trágica história de Hamlet, príncipe da Dinamarca*,³ de William Shakespeare (1564-1616): a peça narra a vingança perpetrada pelo protagonista epônimo, príncipe Hamlet da Dinamarca, contra o tio, rei Cláudio, pelo assassinato do pai, também chamado Hamlet, vingança essa que tem consequências de grande impacto para ele, para pessoas próximas e até mesmo para o reino. O enredo da peça teve como fonte de inspiração a história de Amleth, provavelmente originária de uma tradição oral dos povos nórdicos, mas que foi registrada por escrito no século XIII, na *Gesta Danorum* (“A gesta dos daneses”), do escritor danês⁴ Saxo o Gramático (c. 1150-c. 1220).⁵ A *Gesta Danorum* é uma coletânea de narrativas em prosa sobre reis lendários da Dinamarca e suas façanhas que, dentre outras histórias, trata da vingança de Amleth contra Feng, seu tio, pelo assassinato do pai, Horvendil.⁶

Já em 1664 o conde de Shaftesbury referia-se à peça sobre Hamlet como “[a]quele trabalho [de Shakespeare] que mais parece ter comovido os corações ingleses e talvez tenha sido o mais frequentemente encenado de todos os que vieram aos nossos palcos” (“*That piece of [Shakespeare's] which appears to have most affected English hearts, and has perhaps been oftenest acted of any which have come upon our stage.*” *apud*; SHAKESPEARE, 1987, p. 17). Seu sucesso não se limita aos palcos: para citar a crítica literária americana Susanne L. Wofford (1952-), “[e]screver sobre a história crítica de *Hamlet* é, de diversas formas, escrever sobre a história cultural da Inglaterra e

dos Estados Unidos nos últimos quatro séculos. Provavelmente não se escreveu tanto sobre nenhuma outra obra da literatura inglesa quanto sobre *Hamlet*” (“*To write a critical history of Hamlet is in many ways to write a cultural history of Britain and the United States in the last four centuries. Probably no other work in English literature has had as much written about it as Hamlet has*”; SHAKESPEARE, 1994, p. 181). O mesmo, no entanto, não pode ser dito sobre Amleth, eclipsado por seu descendente literário: apesar de sua história já ter sido estudada por autores como Hilda Davidson, simplesmente não se discorreu tanto sobre ela quanto sobre a peça de Shakespeare. Muitas vezes sua existência é mencionada apenas no contexto de estudos sobre *Hamlet*, não como um objeto de pesquisa valioso por si só. É por isso que aqui se apresenta a primeira tradução da história de Amleth para o português, na esperança de que esse material atraia mais atenção a este personagem especificamente e à produção literária dos nórdicos medievais em geral.⁷

A HISTÓRIA DE VINGANÇA DE AMLETH, PRÍNCIPE DA JUTLÂNDIA

[*Rorik Lança-Braceletes*,⁸ rei da Dinamarca, nomeou *Horvendil e Feng* para regerem a Jutlândia.⁹ Após governar por três anos, *Horvendil* conquistou grande renome como pirata e saqueador e até mesmo derrotou *Koller*, rei da Noruega, e *Sela*, irmã de *Koller* e também uma guerreira experiente.]¹⁰

Horvendil passara os últimos três anos em meio a feitos valorosos de guerra e, a fim de obter maior prestígio junto a Rorik, concedia-lhe os melhores troféus e primazia de escolha dos espólios. Sua amizade com o rei permitiu-lhe cortejar e obter em casamento a filha dele, Geruda, que lhe deu um filho, Amleth.

Tamanha boa fortuna fez com que Feng se mordesse de inveja, de forma que ele decidiu emboscar o irmão, demonstrando assim que o homem de bem não se encontra a salvo nem mesmo dos membros de sua própria família. E eis que, quando a oportunidade de assassinar Horvendil se apresentou, sua mão ensanguentada satisfez as paixões mortíferas de sua alma. Depois disso, ele tomou para si a esposa do irmão que abatera, somando incesto ao assassinato desnaturado; pois aquele que cede a uma

iniquidade logo se torna presa ainda mais fácil da próxima, a primeira incentivando a segunda. Feng também encobriu a monstruosidade de seu ato com tal astúcia e impudência que inventou razões benevolentes para justificá-lo, disfarçando fratricídio com pretensa retidão: Geruda, ele disse, embora de uma gentileza tal que não faria mal algum a qualquer homem, recebia nada além de ódio de seu esposo; fora apenas para salvá-la que matara o irmão, pois considerava vergonhoso que uma dama tão dócil e sem maldade no coração sofresse tamanho desdém de seu marido. Sua fala mansa não falhou em seu intento, pois nas cortes, onde os tolos às vezes são favorecidos e os traiçoeiros, preferidos, não falta quem dê crédito à mentira. Tampouco Feng se absteve de carícias pecaminosas com as mesmas mãos que mataram um irmão, igualmente culpado ao executar ambos os feitos perversos e ímpios.

Amleth observou tudo isso, mas temeu que um comportamento por demais perspicaz fizesse com que o tio suspeitasse dele, então escolheu fingir que era estúpido, um completo desajuizado. Esse plano ardiloso não apenas escondeu sua inteligência, como também garantiu sua segurança. Diariamente, ele se largava mudo e encardido na casa de sua mãe, jogando-se ao chão e rolando na sujeira mais imunda possível. O rosto descolorido e manchado de lama demonstrava a grotesca perda da razão. Tudo o que falava era da mesma natureza dessas loucuras; tudo o que fazia era tingido de total apatia. Em suma, não se pensaria que era um homem, mas sim um aborto que absurdamente sobrevivera devido a um capricho insano do destino. Costumava sentar-se à lareira, entalhando varas de madeira com ganchos afiados nas pontas e as endurecendo no fogo, remexendo nas brasas com as mãos. Quando lhe perguntavam o que fazia, respondia que preparava lanças aguçadas para vingar seu pai. Não foram poucos os que riram com escárnio dessa resposta, e todos zombaram dessa atividade inútil e ridícula; mas ela o ajudou em seus propósitos mais tarde.

Foi sua perícia com isso o que primeiro despertou nos observadores mais atentos as suspeitas quanto à sua astúcia, pois sua habilidade nessa ocupação sem importância era prova do talento oculto do artesão; tampouco acreditavam que alguém pudesse ter o raciocínio tão embotado quando a mão era tão hábil em seus ofícios. Por fim, ele sempre vigiava as pilhas de varas que apontava no fogo com o cuidado mais pontual. Portanto, alguns declararam que ele tinha a mente rápida o bastante e imaginavam que

ele se fingia de tolo a fim de esconder sua inteligência e ocultar algum propósito profundo sob uma farsa astuta. Seu ardil, diziam, seria facilmente descoberto se uma bela mulher fosse colocada em seu caminho em algum lugar mais afastado para provocar-lhe a mente com as tentações do amor, pois o temperamento natural de todo homem, dado ao desejo cego e à paixão impetuosa, não era facilmente ludibriado, nem controlado por esperteza; portanto, se sua letargia fosse um fingimento, ele aproveitaria a oportunidade para entregar-se sem luta aos prazeres ardorosos. E assim alguns homens receberam ordens de atrair o jovem durante suas cavalgadas até uma área remota da floresta e lá alvejá-lo com uma tentação dessa natureza. Dentre eles havia, por acaso, um irmão de criação de Amleth, que ainda se lembrava dos dois terem crescido juntos e apreciava mais as lembranças dessa velha amizade que suas ordens atuais. Ele acompanhou Amleth como parte de sua comitiva, ansioso por alertá-lo da cilada, e persuadiu-o de que sofreria consequências terríveis se demonstrasse o menor vislumbre de uma mente sã, e, acima de tudo, se consumasse a relação carnal abertamente. Isso tudo era óbvio o bastante para o próprio Amleth: quando lhe foi dito para montar em seu cavalo, ele deliberadamente sentou-se de tal forma que ficou de costas para a cabeça do animal e com o rosto voltado para a cauda, a qual então envolveu com as rédeas, como se fosse daquele lado que pudesse controlar o passo furioso do corcel. Com este ardil ele escapou à armação traiçoeira de seu tio. Que visão absurda: o cavalo galopando sem rédeas, com o cavaleiro conduzindo-lhe a cauda!

Amleth seguiu adiante, e um lobo cruzou à sua frente em meio ao matagal. Quando seus companheiros lhe disseram que fora um potro que lhe atravessara o caminho, Amleth replicou que os potros daquele tipo passavam fome nos estábulos de Feng – o que foi um modo sutil, mas espirituoso de apontar os defeitos do tio.¹¹ Quando então declararam que essa era uma resposta astuta, ele replicou que falara desse jeito deliberadamente, pois detestaria que o julgassem propenso a mentiras sobre o que fosse e desejava sempre ser um estranho à falsidade. Conforme dito, ele misturou ardileza e candura de tal maneira que, embora realmente faltasse verdade às suas palavras, não havia nada nelas que indicasse isso e denunciasse o quão longe ia sua argúcia. Enquanto ele seguia pela praia, seus companheiros acharam o leme de um navio que naufragara e disseram que haviam encontrado uma faca imensa.

- Este era o utensílio certo para se cortar esta carne – respondeu ele, referindo-se ao oceano, a cuja infinidade o enorme leme se equiparava. E enquanto seguiam ao longo das dunas e eles lhe disseram para olhar a refeição, referindo-se à areia, ele replicou que ela fora bem moída pelos temporais vetustos. Quando essa resposta, por sua vez, foi muito elogiada, ele afirmou que ela fora deliberada.

Depois disso, eles o deixaram sozinho para que ganhasse coragem de praticar atos licenciosos. A mulher que seu tio despachara encontrou-o em um local escuro, como se tivessem cruzado os caminhos por acaso, e ele a levou consigo e a teria tomado se seu irmão de criação, por meio de artifícios ocultos, não lhe tivesse feito suspeitar de uma cilada. Pois este homem, ponderando a melhor maneira de alertar o jovem secretamente e deter sua perigosa lascívia, encontrou um talo de palha no chão; ele atou a palha à cauda de uma mosca tavão que voava por ali e então fez com que a mosca voasse para onde sabia que Amleth se encontrava. Atitude que serviu muito bem ao príncipe incauto: o sinal foi interpretado com a mesma perspicácia com que fora enviado, pois Amleth, ao avistar a mosca, observou com curiosidade a palha amarrada à sua cauda e percebeu que era um aviso secreto para que tomasse cuidado com atos traiçoeiros.¹² Alarmado, pressentindo a armadilha e ansioso por satisfazer seu desejo em maior segurança, ele pegou a moça em seus braços e levou-a a um brejo distante e impenetrável. Além disso, depois de terem se deitado, ele rogou a ela que não revelasse o que acontecera a ninguém, e a promessa de silêncio foi dada com o mesmo ardor com que fora pedida; pois ambos haviam sido criados juntos, e isso os tornara muito íntimos.

Quando os dois voltaram, as pessoas perguntaram-lhe, zombeteiros, se ele cedera à paixão, e ele prontamente respondeu que sim, que tomara a donzela. Quando então perguntaram onde isso acontecera, e o que eles usaram como lençol, ele declarou que se deitaram sobre patas de um cavalo, crista de um galo, e também um teto. Isso porque, antes de se entregar à tentação, ele improvisara uma cama com diversas plantas – patas-de-cavalo, cristas-de-galo e caniços¹³ – para não ter de mentir. E embora sua troça não faltasse com a verdade, essas respostas foram recebidas com grande diversão pelos presentes. A moça, também, quando lhe perguntaram sobre isso, disse que nada do que ele falara havia acontecido; e acreditaram ainda mais nessa negativa quando se descobriu que os acompanhantes de Amleth não testemunharam o ato. Então a pessoa

que marcara a mosca a fim de alertar o jovem, desejoso de mostrar-lhe que devia a salvação à sua artimanha, observou que, recentemente, ele fora singularmente devotado a Amleth. A réplica deste foi apropriada: para demonstrar que não se esqueceria do serviço prestado pelo informante, disse que vira alguma coisa esvoaçando repentinamente com um talo de palha amarrado em seus membros inferiores. A esperteza dessa fala, que fez com que os outros gargalhassem, alegrou o coração do amigo de Amleth.

Assim todos foram ludibriados e ninguém se mostrou capaz de destrancar os segredos da sabedoria do jovem. Mas um amigo de Feng, dotado de mais confiança que juízo, declarou que a astúcia imensurável de tal mente não seria detectada por tramas banais, pois a obstinação de Amleth era tamanha que não poderia ser atacada com meias-medidas; alguém tão cheio de recursos tinha muitas facetas e não cairia na primeira cilada. Tendo isso em mente, continuou, sua perspicácia aguda o fizera pensar em um jeito mais sutil, fácil de se colocar em prática, de descobrir o que queriam: Feng deveria ausentar-se, alegando assuntos de grande importância, e Amleth seria então chamado a um cômodo para conversar com a mãe; mas antes, alguém se esconderia em algum lugar do quarto para ouvir atentamente tudo o que fosse dito. Pois se ainda restasse algum juízo ao filho, certamente ele não hesitaria em contar tudo para a mãe, tampouco teria medo de confiar na lealdade daquela que o deu à luz. O locutor, receoso de parecer mais disposto a planejar que agir, zelosamente ofereceu-se para atuar como espião.

Feng alegrou-se bastante com o plano. Ele saiu em viagem, supostamente por um longo tempo, e seu conselheiro foi ao cômodo onde Amleth ficaria recolhido com a mãe e deitou sob a palha, escondendo-se. Mas Amleth tinha um antídoto para traição: temendo que algum espião o escutasse, primeiro ele lançou mão de sua costumeira loucura e cantou como um galo barulhento, batendo os braços como se fossem asas; depois subiu na palha e começou a balançar o corpo e pular repetidamente, tentando descobrir se havia algo escondido ali. Quando sentiu um volume sob os pés, ele cravou a espada no local, atravessando aquele que ali se escondia. Depois disso, Amleth arrastou o homem para fora de seu esconderijo e o matou; em seguida, ele cortou o

cadáver em pedaços, cozinhou esses pedaços em água fervida e jogou-os no chiqueiro para os porcos comerem, espalhando os membros infelizes pela imundície.

Tendo evadido a cilada, ele voltou ao cômodo. Quando lá, sua mãe começou a prantear e lamentar em grande volume sobre a loucura do filho para o próprio, ao que ele respondeu:

- Mais infame das mulheres, procura esconder a mais pesada das culpas sob essas lamúrias mentirosas? Entregando-se irresponsavelmente a um casamento perverso e abominável, abraçando com seios incestuosos o assassino de seu marido e seduzindo com sórdidas lisonjas o homem que matou o pai de seu filho. Essa é, certamente, a maneira como as éguas acasalam com os machos que derrotam seus companheiros, pois feras selvagens cruzam indiscriminadamente; e parece que você, assim como elas, esqueceu-se sem remorsos de seu primeiro marido. Quanto a mim, não é à toa que uso a máscara da loucura: não duvido que aquele que destruiu o próprio irmão agirá com a mesma violência e desumanidade em relação ao sangue daquele. Melhor, então, vestir as roupas da insensatez que as do juízo e assim proteger-me de tal sanha assassina.

- Apesar disso – continuou – meu coração ainda arde com o desejo de vingar meu pai; mas tenho de observar o que se passa, aguardar a hora certa. Há tempo e local para tudo; contra tal espírito tenebroso e inclemente, é preciso usar os mais engenhosos artifícios. E você, que melhor faria em lamentar a própria desgraça, saiba que é desnecessário chorar por minha falta de juízo; chore, em vez disso, pela mácula em sua própria mente, não a de outrem. Quanto ao resto, cuide de guardar silêncio. – Com tais reprimendas que rasgaram sua mãe, Amleth ensinou-a a colocar as chamas do passado acima das seduções do presente, fazendo com que ela voltasse à trilha da virtude.

Quando Feng voltou, não encontrou em lugar algum o homem que lhe sugerira a vigilância traiçoeira; procurou por ele de cima baixo, mas ninguém o vira. Perguntaram a Amleth em tom de chacota se sabia onde ele estava, ao que o jovem respondeu que o homem fora ao chiqueiro, mas lá fora engolido por toda a imundície e então devorado pelos porcos. Todos escarneceram dessa resposta, pois parecia não fazer sentido algum, embora fosse completamente verdadeira.

Feng agora estava convencido de que seu enteado era cheio das artimanhas e quis livrar-se dele, mas não ousava ele mesmo cometer esse ato por medo de desagradar não apenas a Rorik, avô de Amleth, mas também sua esposa. Por isso decidiu ordenar ao rei da Britânia¹⁴ que o fizesse e, dessa forma, fingir inocência; assim, para esconder sua crueldade, ele preferiu denegrir um amigo a trazer a ruína para si próprio. Antes de partir, Amleth despediu-se da mãe e deu-lhe ordens secretas para que pendurasse uma tapeçaria de nós trançados nas paredes do salão e que realizasse um falso funeral em sua homenagem dali a um ano, prometendo que voltaria então.

Dois servidores de Feng, portando uma mensagem entalhada em madeira (o tipo de material usado comumente para escrever em tempos antigos),¹⁵ o acompanharam; tal mensagem comandava o rei dos bretões a executar o jovem que lhe era enviado. Enquanto os dois repousavam, Amleth revistou o baú deles, encontrou a mensagem e leu as instruções, ao que então ele apagou o que ela dizia e escreveu novas ordens, transferindo o destino que o aguardava para seus companheiros. Não satisfeito com isso, ele adicionou ainda um rogo ao rei bretão para que desse a mão de sua filha em casamento ao jovem de grande discernimento que lhe era enviado.

Quando chegaram à Britânia, os emissários foram ter com o rei e entregaram-lhe a missiva que supunham ser o instrumento da destruição de outrem, mas que na verdade representava a morte para eles. O rei disfarçou as aparências e tratou-os com toda a hospitalidade e gentileza. Amleth encarou o esplendoroso banquete que foi servido como se fosse vitualhas vulgares e se absteve tanto de beber quanto de comer, rejeitando o festim abundante. Todos ficaram admirados que o jovem estrangeiro desdenhasse das iguarias cuidadosamente preparadas para a mesa real como se não passassem de comida de camponeses, e quando a festividade chegou ao fim e o rei se despedia dos amigos, ele enviou alguém para ouvir em segredo as conversas noturnas entre seus hóspedes. Quando os companheiros de Amleth lhe perguntaram porque se abstera de desfrutar do banquete daquela noite como se estivesse envenenado, ele respondeu que o pão continha respingos de sangue e a bebida tinha um forte sabor metálico, ao passo que as carnes fediam a carne e ossos humanos. Além disso, ele comentou que o rei tinha os olhos de um escravo e que por três vezes a rainha se comportara como se fosse uma serva; assim ele insultou gravemente nem tanto o

banquete quanto a quem o ofereceu. Seus companheiros imediatamente escarneceram dele da maneira mais acintosa, troçando de sua já conhecida falta de juízo e inteligência, por sua aversão a coisas boas e dignas de respeito e por atacar de modo tão ignóbil um rei ilustre e uma senhora de comportamento refinado, sujando com o pior dos abusos quem merecia todo o louvor.

Tudo isso, o rei soube de seu seguidor e declarou que alguém que dizia tais coisas era mais sábio que os outros mortais, ou então mais louco – vislumbrando, nessas poucas palavras, todo o alcance da argúcia de Amleth. Ele então convocou seu senescal e perguntou-lhe de onde conseguira o pão. O senescal declarou que ele fora assado pelo próprio padeiro do rei. O rei perguntou onde fora cultivado o trigo do qual o pão fora feito – haveria sinal de alguma carnificina próxima? O outro respondeu que não longe dali havia um campo coberto com ossos velhos de homens abatidos e que ainda trazia sinais claros de alguma antiga matança. Ele próprio, com a chegada da primavera, plantara o grão nesse campo achando que ele seria mais frutífero que outros; então, pelo quanto sabia, o pão absorvera parte do sabor maligno desse derramamento de sangue. O rei, ao ouvir isso, compreendeu que Amleth dissera a verdade e perguntou então sobre a origem das carnes servidas. O outro respondeu que os porcos, devido à sua negligência, escaparam do chiqueiro e devoraram a carcaça podre de um ladrão, e talvez isso tivesse maculado-lhes o sabor. Percebendo que também nisso a avaliação de Amleth fora correta, o rei lhe perguntou sobre os ingredientes que usara para fazer a bebida servida. Ao ser informado de que ela fora preparada com água e farinha, ele ordenou que o levassem até a nascente e então cavassem por lá, e assim foram encontradas, já enferrujadas, várias espadas, o metal das quais contaminara as águas. Outros dizem que Amleth criticara o licor porque, ao bebê-lo, percebera que as abelhas que produziram o mel do qual fora feito¹⁶ haviam se alimentado das entranhas de um cadáver, e essa mácula, que fora anteriormente transmitida aos favos, reaparecera no sabor.

Vendo que Amleth tivera razão em encontrar defeitos no repasto, o rei bretão imaginou se o olhar ignóbil que o jovem estrangeiro lhe reprovava não se daria a alguma nódoa em seu nascimento e convocou a mãe em segredo para perguntar-lhe quem realmente fora seu pai. Ela respondeu que não se entregara a qualquer homem que não o rei anterior, mas quando o filho ameaçou arrancar dela a verdade em um julgamento,

foi-lhe dito que viera da semente de um escravo; e com essa prova de reconhecimento obtida à força, ele compreendeu o porquê de sua condição ter sido censurada. Mesmo envergonhado como estava de sua origem vil, o rei ficou tão encantado com a inteligência do jovem dinamarquês que lhe perguntou por que difamara a rainha ao dizer que ela se comportara de modo tão baixo como um escravo. Mesmo ressentindo-se do comportamento cortês de sua esposa ter sido vilipendiado nos mexericos noturnos dos convidados, o monarca descobriu que a mãe de sua esposa fora uma escrava, pois Amleth notara três defeitos em seus modos que denotavam isso: primeiro, ela cobrira sua cabeça com o manto à maneira das criadas; segundo, ela levantara a aba do vestido para andar; por último, ela usara uma lasca de madeira para retirar restos de comida presos entre os dentes e em seguida os mastigara e engolira. Além disso, Amleth lembrou ao rei que a mãe de sua esposa fora capturada e reduzida à escravidão, de forma que esses traços servis da rainha se deviam ao nascimento e não aos hábitos.

Depois disso, o rei passou a venerar a sabedoria de Amleth como se fosse resultado de inspiração dos céus, aceitando-lhe as meras palavras como se fossem oráculos divinos, e até mesmo deu a filha em casamento a ele. Mais: a fim de atender ao pedido de seu amigo, Feng, ele enforcou no dia seguinte os companheiros de Amleth. Este fingiu tomar isso como uma injúria e um agravo, recebendo do rei, como compensação, certa quantidade de ouro¹⁷ que depois secretamente derreteu com fogo e despejou dentro de varas de madeira ocas.

Após passar um ano junto ao rei da Britânia, Amleth obteve permissão para partir e retornar à sua terra natal, levando consigo, de toda a sua riqueza e dignidade de príncipe, apenas as varas com o ouro dentro. Ao alcançar a Jutlândia, ele trocou seus trajes e modos atuais pelos antigos, que adotara por um propósito justo, assumindo propositalmente um aspecto absurdo. Coberto de sujeira, ele adentrou o salão de festas no qual era celebrado seu próprio funeral, deixando a todos completamente horrorizados, pois havia corrido rumores de sua morte. Por fim, o terror esvaneceu-se em risadas, com os convidados zombando uns dos outros e gracejando que o morto em cuja memória festejavam estava agora presente, em carne e osso.

Quando lhe perguntaram de seus companheiros, Amleth apontou para as varas que portava:

- Aqui estão ambos, tanto um quanto o outro – respondeu, misturando a seriedade e o deboche em medidas iguais; pois o que dissera, embora muitos achassem que fosse mera tolice, não se afastava em nada da verdade, uma vez que apontara para o preço de ouro dos companheiros com se fosse eles próprios.

Isso resolvido, desejoso de inspirar ânimos mais alegres aos presentes, o príncipe juntou-se aos copeiros e dedicou-se assiduamente ao ofício de servir as bebidas; e para que suas vestimentas frouxas não o atrapalhassem ao andar, ele prendeu a espada à cintura. Ao longo da noite, ele sacou a espada diversas vezes, espetando os dedos na ponta em todas, até que as pessoas ao seu redor afixaram a bainha na espada com um prego de ferro.

A fim de preparar a execução de seu plano, Amleth serviu taças e mais taças de bebida aos lordes, abarrotando-os de tanto vinho que lhes deixou os pés fracos de bebedeira, até que eles decidiram pernoitar no próprio salão e fizeram suas camas ali mesmo onde estavam. Amleth viu que agora estavam nas condições adequadas para o que tramara e pensou que aquela era a oportunidade de levar seu propósito a cabo. Ele então retirou de onde guardava junto ao peito as varas pontudas que preparara há tanto tempo, caminhou em meio aos corpos da nobreza do reino ressonando pesadamente de sono e vinho, cortou da parede a tapeçaria que cobria as paredes do salão, tecida por sua mãe, e jogou-a sobre os que dormiam; em seguida, usou os ganchos afiados das varas para amarrar o tapiz sobre eles de forma tão intrincada que nenhum dos que se encontravam presos debaixo dele conseguiriam se soltar, por mais que se esforçasse. Depois ele ateou fogo ao recinto.

As chamas se espalharam e o incêndio irrompeu por todos os lados, engolfando a casa do rei por inteiro e matando toda a nobreza enquanto esta dormia profundamente ou esforçava-se em vão para se levantar. Então Amleth foi até o quarto de Feng, que fora conduzido mais cedo para lá por seus serviçais, e tomou para si a espada do rei, que se encontrava ao lado da cama, substituindo-a por sua própria. Depois que fez isso, ele acordou o tio e informou-o de que os lordes que o serviam estavam morrendo nas chamas; disse ainda que ele próprio estava lá, armado com suas varas afiadas, sedento de vingança pelo assassinato do pai, que ficara tanto tempo sem justiça. Ao ouvir isso, Feng saltou da cama e tentou sacar a espada que achava ser a sua com todas as forças,

mas foi abatido em meio ao seu esforço infrutífero. Ó valente Amleth, merecedor de fama imorredoura! Armando-se astutamente com falsa loucura, encobrendo uma inteligência por demais afiada para um mortal com um disfarce maravilhoso de insensatez, encontrou assim uma forma de não apenas manter-se em segurança, mas também de encontrar a oportunidade de vingar o pai. Ao defender-se de forma tão hábil e buscar tal retribuição de forma tão vigorosa, é difícil decidir se devemos admirá-lo mais por sua astúcia ou por sua bravura.

Amleth, após ter chacinado o padrasto, receou expor seu feito ao julgamento inconstante de seus conterrâneos e achou melhor ficar escondido até descobrir para que lado o povo pendia. Aqueles que viviam próximos observaram a conflagração durante toda a noite e, pela manhã, quiseram descobrir as causas do incêndio. O palácio real encontrava-se reduzido a cinzas; quando eles investigaram as ruínas, ainda quentes, encontraram apenas restos indistintos de cadáveres queimados, pois as chamas devoradoras consumiram tudo de tal maneira que não sobrara nada que pudesse informá-los sobre a causa do desastre. Eles encontraram, no entanto, o corpo de Feng atravessado pela espada, as vestes manchadas de sangue. Alguns foram tomados pela raiva, outros, pela dor, e alguns por um deleite secreto; um grupo lamentou a morte de seu líder, outro se sentiu grato que a tirania do fraticida havia chegado ao fim. Dessa forma, a morte do rei foi recebida de modos diversos pelos presentes.

Ao ver tal calma por parte de todos, o príncipe ousou abandonar seu esconderijo e convocou aqueles em quem a memória de seu pai ainda se encontrava firmemente enraizada. Ele foi até a assembleia e lá proclamou o seguinte discurso:

- Nobres! Que ninguém que tenha se sentido perturbado com o triste fim de Horvendil preocupe-se com a visão deste desastre diante de vocês. Não se alarmem, eu digo, vocês que continuaram leais ao seu rei e dedicados a seus pais; eis aqui o cadáver, não de um lorde, mas sim um fraticida. Em verdade, era uma visão muito mais penosa quando viram nosso senhor lamentavelmente abatido pelo mais infame dos fraticidas – que eu não o chame de irmão! Vocês viram com seus próprios olhos compassivos o corpo mutilado de Horvendil, ferido de morte por diversos golpes. Certamente que o açougueiro abominável só tirou a vida de seu rei para que pudesse espoliar a liberdade de sua terra! A mão que o liquidou escravizou a vocês. Quem, então, pode ser louco o

bastante para escolher o cruel Feng antes do nobre Horvendil? Lembrem-se da bondade com que Horvendil os conduzia, a justiça que lhes concedia, o quanto ele os amava. Lembrem-se como perderam o mais comedido dos governantes e mais justo dos pais, e de como foi posto em seu lugar um tirano e assassino; como seus direitos foram tomados, a peste grassava, a terra estava manchada pela infâmia, a canga pesava em seus pescoços, e sua liberdade fora perdida! E agora, isso tudo chegou ao fim, pois aqui veem o criminoso sufocado em seus próprios crimes, o assassino de parentes punido por seus malfeitos. Quem, exceto aqueles de espíritos pobres, julgaria que tal bondade é uma injúria ao observar tal coisa? Que pessoa em sã consciência sentiria pesar pelo crime ter se voltado contra o culpado? Quem poderia lamentar a execução de carrasco tão selvagem? Ou chorar a justa morte de déspota tão cruel? Diante de vocês encontra-se o responsável por tal feito; aqui está ele. Assumo que vinguei minha terra e meu pai. Suas mãos estavam igualmente atadas pelo dever que cumpri com as minhas; o que lhes incumbia alcançar comigo, tive de fazê-lo sozinho, sem qualquer parceiro neste feito tão glorioso e sem o serviço de qualquer um para me ajudar.

- Não que eu me esqueça de que certamente teriam me ajudado se eu tivesse pedido, pois sem dúvida permaneceram fiéis e devotados ao seu rei. Mas eu escolhi punir os perversos sem colocar vocês em risco, pois julguei que não seria necessário que outros carregassem um peso que meus ombros fossem fortes o bastante para aguentar; sendo assim, reduzi os outros a cinzas e deixei apenas o cadáver de Feng para ser queimado por suas mãos, para que ao menos nisso possam satisfazer seu anseio por uma nobre vingança. Agora vão e empilhem a pira com toda a velocidade, queimem o cadáver do perverso, deixem que seus membros culpados sejam consumidos, espalhem suas cinzas pecaminosas, seu pó desumano; que nenhum túmulo de qualquer espécie guarde os restos abomináveis de seus ossos. Que não sobre vestígio deste fraticida! Que não haja lugar nesta terra para seus pedaços conspurcados, que nem o mar nem o solo sejam corrompidos ao abrigar sua carcaça maldita. Já fiz o que mais restava; este último serviço leal fica ao encargo de vocês. Esse deve ser o enterro do tirano, o cortejo fúnebre do fraticida. Não é correto que aquele que privou sua terra da liberdade tenha as cinzas misturadas a ela.

- Além disso, por que recontar meus sofrimentos? Por que enumerar minhas dificuldades? Por que tecer uma vez mais a trama de minhas desgraças? Vocês sabem de tudo isso melhor do que eu. Eu, perseguido até a morte pelo padrasto, abandonado pela mãe, desprezado pelos amigos, passei os anos de forma lastimável e os dias em adversidade, a vida fervilhando de ameaças e riscos. Em verdade, passei cada estação de meus anos infeliz e correndo grande perigo. Frequentemente ouvi-os murmurarem entre si em segredo, lamentando minha loucura; não havia ninguém, diziam, para vingar o pai, ninguém para punir o fratricida. E nisso encontrei declarações ocultas de seu amor, pois vi que a lembrança do assassinato do rei não havia se apagado ainda de suas mentes.

- Quem aqui tem o peito tão duro que não possa ser amolecido pela irmandade com meus sentimentos? O coração tão empedernido que não se deixará levar pela compaixão por meus pesares? Vocês que têm as mãos limpas do sangue de Horvendil, apiedem-se deste filho adotivo, comovam-se com os riscos que sofri. Tenham pena também de minha mãe abatida e alegrem-se comigo que a infâmia daquela que já foi sua rainha foi extinta; pois esta mulher fraca teve de carregar o peso de um opróbrio duplo ao abraçar aquele que foi irmão e assassino de seu marido. Dessa forma, para esconder meus propósitos de vingança e ocultar minha inteligência, comportei-me falsamente de modo apático, fingi estupidez, planejei meu stratagem; e agora podem ver com seus próprios olhos se ele foi bem-sucedido, se alcançou tudo ao que se propunha; contento-me em deixá-los julgarem assunto de tal importância. É a sua vez: pisoteiem as cinzas do assassino! Mostrem seu desprezo ao pó daquele que matou o irmão e maculou da maneira mais infame a rainha deste; que afrontou o soberano e atraçou sua majestade; que lhes impôs a mais terrível opressão, roubou-lhes a liberdade e coroou o fratricídio com incesto. Eu fui o agente desta justa vingança; eu ardi por esta retribuição honrada. Honrem-me com o que me é devido, agraciem-me com sua benevolência: fui eu que limpei a desonra desta terra, extingui a desonra de minha mãe, derrotei a tirania, executei o assassino, enganei a astúcia de meu tio com minhas próprias artimanhas. Se ele ainda vivesse, cada nova manhã multiplicaria seus crimes. Ressenti-me do mal feito a meu pai e à minha pátria: matei aquele que os governava de uma forma que homem algum deveria ser governado. Reconheçam meus serviços, honrem minha esperteza, deem-me o trono se fiz por merecê-lo; pois têm em

mim alguém que cumpriu uma grande tarefa em seu benefício e que não é um herdeiro degenerado do poder de seu pai – não um fraticida, mas sim o sucessor legítimo ao trono e obediente vingador do crime de assassinato. Fui que os desnudei da canga e os vesti em liberdade, que restaurei suas fortunas às alturas e devolvi-lhes a glória; eu que depus o déspota e triunfei sobre o açougueiro. Vocês têm em mãos a recompensa; bem sabem o que fiz por vocês, e apelo à sua honra por minha justa paga.

Os corações de todos foram afetados pelo que o jovem dizia; em alguns, ele inspirou a compaixão, e outros foram até mesmo levados às lágrimas. Quando o pranto cessou, Amleth foi escolhido como rei por decisão e aclamação geral, pois cada um dos presentes depositou suas esperanças na sabedoria dele, visto que ele planejara tal feito com a maior esperteza e o alcançara por meio do mais incrível complô. Muitos eram vistos ainda maravilhados com a forma como ele ocultara um plano tão sutil por tanto tempo.

Depois desses feitos na Dinamarca, Amleth equipou três embarcações e retornou à Inglaterra para ver a esposa e o pai desta. Ele havia inscrito em seu serviço a flor dos guerreiros e os paramentou com grande esmero, desejando que agora tudo seu fosse magnífico, assim como antigamente sempre usara equipamentos desprezíveis, e trocando toda a sua antiga dedicação à pobreza pela extravagância e opulência. Ele também ordenou que lhe fosse feito um escudo no qual todas as suas façanhas, desde a mais tenra idade, foram pintadas em belos desenhos; ele o portava como um registro de suas proezas, e sua fama cresceu muito com isso. Nesse escudo podia ser visto o assassinato de Horvendil; o fraticídio e incesto de Feng; o tio infame, o sobrinho peculiar; as estacas em gancho; o padrasto suspeito, o enteado dissimulado; as várias tentações oferecidas, a mulher levada para seduzi-lo; o lobo de boca aberta; o leme sendo achado; as dunas de areia; o matagal sendo adentrado; a palha sendo atada à mosca tavão; o jovem sendo alertado pelos sinais; e as relações privadas com a donzela depois que a escolta foi iludida. Da mesma forma, podia ser vista a imagem do palácio; a rainha lá com seu filho; o assassinato do espião e como, depois de ser morto, ele foi cortado em pedaços, fervido e jogado fora para os porcos; como seus membros estavam espalhados na lama, e assim foram deixados para os animais devorarem. Também podia ser visto como Amleth descobriu o segredo de seus acompanhantes enquanto estes

dormiam, como ele apagou as missivas e substituiu-as por novos escritos; como ele desprezou o banquete e a bebida oferecidos; como ele criticou os traços do rei e imputou à rainha um comportamento pecaminoso. Também estava representado o enforcamento dos enviados e o casamento do jovem; depois a viagem de volta à Dinamarca; o banquete de celebração fúnebre; Amleth, quando questionado, apontando para varas no lugar de seus atendentes, agindo como copeiro, e propositalmente sacando a espada e picando os dedos; a espada pregada na bainha, a animação crescente durante o banquete, a dança cada vez mais veloz e furiosa; as cortinas jogadas sobre os dormentes, depois presas com os ganchos entrelaçados e enroladas firmemente ao redor deles enquanto dormiam; o tição jogado ao salão, os convidados queimados vivos, o palácio real consumido pelo fogo e derrubado; a visita ao quarto de dormir de Feng, o roubo de sua espada, a espada inutilizada colocada no lugar, e o rei trespassado pela própria espada pela mão do enteado. Tudo isso estava ali, pintado sobre o escudo de batalha de Amleth por um artesão cuidadoso com o melhor dos trabalhos manuais; ele copiou a verdade em suas figuras e incorporou feitos reais em seus traços. Além disso, os seguidores de Amleth, para aumentar o esplendor de sua presença, usavam escudos cobertos de ouro.

O rei da Britânia os recebeu de forma bem graciosa e tratou-os com dispendiosa pompa real. Durante o banquete ele se mostrou ansioso por saber se Feng se encontrava vivo e próspero, e seu genro informou-lhe que o homem sobre cujo bem-estar ele inquiria em vão havia morrido pela espada. Uma avalanche de questões se seguiu a isso, com o rei tentando descobrir quem matara Feng, apenas para descobrir que aquele que lhe trazia notícia dessa morte fora ele próprio o autor dela. Quando o monarca soube disso, ficou secretamente chocado, pois via que um velho juramento de vingar Feng agora recaía sobre ele; pois ambos haviam mutuamente determinado desde longa data que um deveria vingar a morte do outro. Dessa forma, o rei agora era puxado em uma direção pelo amor que sentia pela filha e o afeto pelo genro, em outra pela estima ao seu amigo e, além disso, pelo rigor e santidade do acordo jurado, que seria um sacrilégio violar. Ao final, ele desprezou os vínculos familiares, prevalecendo a fidelidade à sua promessa; seu coração se voltou para a vingança, e ele colocou a santidade do juramento acima dos laços entre parentes. Mas visto que era considerado pecaminoso violar as leis da hospitalidade, ele preferiu executar essa vingança pelas mãos de

outrem, desejando mascarar o crime secreto com o véu da inocência. Dessa forma, ele ocultou a traição com uma fachada de atencioso, e escondeu seus propósitos sombrios atrás de demonstrações entusiasmadas de boa vontade. Sua rainha tendo recentemente falecido de uma doença, ele pediu a Amleth para levar a cabo a missão de lhe conseguir uma nova união, dizendo estar encantado com sua astúcia extraordinária. Ele contou que havia certa rainha governando na Escócia com quem desejava ardentemente se casar, embora soubesse que na verdade ela ainda não havia contraído o matrimônio não apenas para preservar a castidade, mas sim porque, em sua cruel arrogância, sempre desprezara aqueles que foram atrás de sua mão e infligira aos pretensos amantes a punição máxima, de forma que não se podia encontrar um único que não tivesse pago pela insolência com a vida.

Por mais perigoso que fosse o encargo, Amleth o iniciou sem nunca fugir do dever imposto a ele, mas confiando em parte em seus próprios servos e em parte nos servos do rei. Ele adentrou a Escócia e, quando já bem próximo à residência da rainha, foi até um prado à beira do caminho para descansar os cavalos. Satisfeito com a aparência do local, pensou em descansar - o murmúrio agradável do riacho provocando a vontade de dormir - e mandou os homens ficarem de vigia a uma certa distância. A rainha, ao saber disso, enviou dez guerreiros para espionar os estrangeiros recém-chegados e seus equipamentos. Um deles, tendo a mente afiada, esgueirou-se resolutamente pelas sentinelas até onde Amleth estava e pegou o escudo que ele por acaso usava como travesseiro, tão gentilmente que não perturbou seu sono apesar de ter a cabeça sobre ele, nem despertou a atenção de um único homem de toda aquela tropa; pois ele desejava trazer algo como prova para sua senhora, não apenas suas palavras. Com o mesmo cuidado, ele retirou a carta confiada a Amleth da bolsa onde estava guardada. Quando essas coisas foram trazidas à rainha, ela examinou o escudo atenciosamente e, a partir das inscrições nele, decifrou toda a história e soube então que ali estava um homem que, confiando em sua própria trama bem planejada, vingou-se do tio pelo assassinato do pai. Ela também leu a carta contendo o pedido de sua mão em casamento e apagou toda a escrita, pois abominava o matrimônio com homens velhos e desejava os abraços de jovens; em seu lugar, ela escreveu um pedido supostamente do rei da Britânia endereçado a si própria, assinado, assim como a carta anterior, com seu nome e título, para que ela se casasse com o portador. Além disso, ela incluiu um relato

dos feitos sobre os quais aprendera com o escudo de Amleth, de modo que alguém poderia pensar que o escudo confirmava a carta, e a carta explicava o escudo. Então ela ordenou aos mesmos batedores que empregara antes que levassem o escudo de volta e colocassem a carta novamente em seu lugar, enganando Amleth da mesma forma que – como ela aprendera – ele enganara os companheiros de viagem.

Amleth, que enquanto isso descobrira que seu escudo havia sido roubado, deliberadamente fechou os olhos e astutamente fingiu dormir na esperança de recuperar por meio do sono falso o que perdera com o real; pois ele achava que o sucesso da primeira empreitada inclinaria o espião a tentar enganá-lo pela segunda vez. E não estava errado: quando o espião se aproximou furtivamente e quis repor o escudo e a missiva nos lugares onde estavam, Amleth levantou-se de um salto, agarrou-o, e prendeu-o em correntes. Ele então despertou seu séquito e seguiu para a morada da rainha. Ele a cumprimentou em nome do sogro e entregou-lhe a carta assinada pelo rei.

A rainha, que se chamava Hermutrude, pegou-a em mãos e a leu, então falou da forma mais afetuosa do zelo e da argúcia de Amleth, dizendo que Feng merecera sua punição e que a sagacidade sem fim do príncipe realizara uma ação além da compreensão humana, uma vez que não apenas sua profundidade impenetrável concebera um modo de vingar a morte do pai e o adultério da mãe, mas também, com seus feitos e proezas notáveis, conquistara o reino do homem que constantemente conspirara contra ele. Sendo assim, ela estava maravilhada que um homem com a mente tão instruída pudesse ter cometido o deslize de um casamento equivocado; embora sua notoriedade quase alcançasse além dos limites da mortalidade, parecia que o acaso o levava a cair em uma união obscura e ignóbil, pois os pais de sua esposa haviam sido escravos, embora a boa sorte os tivesse agraciado com as honras da realeza. Ora, ela continuou, ao procurar uma esposa, um homem sábio deve considerar o brilho de seu nascimento e não de sua beleza. Portanto, se ele procurasse uma aliança de espírito adequado, deveria pesar a ascendência da mulher, e não se deixar enfeitiçar por sua aparência; pois embora a aparência pudesse ser tentadora, sua feitiçaria já havia manchado a integridade de muitos homens. Ali havia uma mulher, de nascimento tão nobre quanto ele mesmo, a quem ele poderia tomar como esposa. Ela mesma, cujos meios não eram poucos nem seu nascimento humilde, era merecedora de seus braços, já

que ele não a superava em riqueza real nem a ofuscava quanto à honra de seus antepassados. Ela era de fato uma rainha, e se não fosse a barreira de seu sexo, poderia ser considerada um rei. Mais verdadeiro ainda, quem quer que ela considerasse digno de sua cama seria um rei e receberia também ela própria junto com o reino; portanto, seu cetro seria entregue ao mesmo tempo que sua mão em casamento. Não era pequena a graça de tal mulher oferecer seu amor, ela que, no caso de outros homens, sempre acompanhou sua recusa com a espada. Dessa forma ela o pressionou a fazer a corte a ela, que lhe transferisse os votos matrimoniais, e a aprender a preferir o nascimento à beleza; assim dizendo, ela caiu sobre ele e apertou-o em seus braços.

Exultante com o discurso gracioso da donzela, Amleth também a beijou e a abraçou fortemente, clamando que o desejo da donzela era o seu próprio. Em seguida, um banquete foi realizado, amigos convidados, a nobreza reunida, e os ritos matrimoniais realizados. Após tudo terminar, ele retornou à Britânia com a esposa, com um grupo de robustos escoceses tendo sido instruídos a seguirem de perto para que ele pudesse contar com sua ajuda contra as diversas traições em seu caminho.

No caminho de volta, a filha do rei da Britânia, com quem Amleth ainda era casado, encontrou-se com ele. Embora ela se queixasse da ofensa de ser suplantada por uma amante, ainda assim, ela disse, seria indigno dela odiá-lo como um adúltero mais do que o amava como marido; tampouco ela se afastaria de seu senhor a ponto de silenciar sobre a artimanha que ela sabia estar sendo tramada contra ele. Pois ela tinha um filho como prova do casamento dos dois, e se nada mais, a consideração por ele forçava o sentimento da mãe a pender para o afeto de uma esposa.

- Ele pode odiar aquela que tomou a posição de sua mãe; eu a amarei. Nenhum desastre apagará a chama que arde em mim por você; nenhuma animosidade a extinguirá ou me impedirá de expor desígnios malignos contra você, ou de revelar as armadilhas que descobrir. Reflita então que você deve se acautelar contra seu sogro, pois você foi venturoso em sua empreitada e colheu os frutos de sua missão, frustrando os desejos daquele que o enviara.

Com essas palavras, ela se mostrou mais inclinada a amar o marido que o pai.

Enquanto ela assim falava, o rei da Britânia aproximou-se e abraçou o genro com força, mas pouco amor, e convidou-o a um banquete de boas-vindas para esconder a trama que ardia sob a exibição de generosidade. Mas Amleth, tendo sido informado sobre o embuste, dissimulou seu medo, levou consigo uma comitiva de duzentos cavaleiros, vestiu uma camisa de cota de malha sob as roupas e compareceu aos festejos, preferindo correr o risco de cair na armadilha do rei à vergonha de fugir do perigo, pois tamanha era a importância que dava à honra que julgava que seus preceitos deviam ser obedecidos a todo momento. Enquanto ele se aproximava, o rei o atacou logo abaixo do arco dos portões duplos e o teria atravessado com o arremesso da lança¹⁸ se a rígida camisa de malha não tivesse desviado a ponta. Ferido apenas levemente, Amleth foi até o local onde havia ordenado que os guerreiros escoceses esperassem em prontidão. Ele então enviou de volta ao rei o espião de sua nova esposa, aquele a quem havia capturado, para que testemunhasse que secretamente roubara a carta destinada à sua amante; dessa forma faria com que toda a culpa recaísse sobre Hermutrude e que ele próprio fosse absolvido da acusação de traição.

Sem se deter, o rei perseguiu Amleth freneticamente enquanto este fugia e o privou da maior parte de suas forças. No dia seguinte, Amleth, lutando por sua vida e completamente desesperado quanto aos seus poderes de resistência, tentou aumentar seus números aparentes: ele armou estacas sob alguns dos cadáveres de seus companheiros para sustentá-los, colocou outros a cavalo como se ainda estivessem vivos, e ainda amarrou outros a pedras próximas, sem tirar as armaduras de nenhum deles, mas posicionando-os na devida formação em fileiras, como se estivessem prestes a entrar em combate. A ala composta dos mortos era tão numerosa quanto a tropa dos vivos! Era um espetáculo incrível ver aqueles mortos arregimentados para a batalha, cadáveres reunidos para o combate. O plano serviu bem a Amleth, pois os contornos dos mortos pareciam formar uma vasta fileira à medida que eram iluminados pelos raios do sol; aquelas figuras sem vida restauraram tão bem as reservas originais de guerreiros que parecia até que a hoste não sofrera nada com o massacre do dia anterior. Os bretões, apavorados com o espetáculo, fugiram antes mesmo de lutar, vencidos pelos mortos que derrotaram quando vivos. Não sei dizer se devo estimar mais a astúcia ou a boa sorte desta vitória. Os daneses se abateram sobre o rei bretão quando este se atrasou na fuga e

o mataram. Amleth, triunfante, fez uma grande pilhagem, apoderou-se dos despojos da Britânia e voltou com as esposas para sua própria terra.

Durante esses acontecimentos, o rei Rorik morrerá. Viglek, que ascendera ao trono, molestou a mãe de Amleth com toda espécie de insolência e a despojou de sua riqueza real, reclamando que seu filho usurpara o reino da Jutlândia e espoliara o rei de Leire,¹⁹ a quem cabia o privilégio exclusivo de conceder e tirar os privilégios dos postos altos. Amleth aceitou tal tratamento com tal paciência a ponto de parecer responder a insultos com bondade, pois ele presenteou Viglek com o mais rico dos seus despojos; mas depois, aproveitando a chance de vingar-se, atacou-o e derrotou-o em combate, passando de um inimigo oculto a um inimigo às claras. Depois enviou para o exílio Fialler, o governador da Escânia;²⁰ conta-se que Fialler se retirou para uma terra chamada Undensacre,²¹ que é desconhecida por nossa gente. Depois disso, Viglek, tendo recrutado as forças da Escânia e da Zelândia, enviou emissários para chamar Amleth à guerra. Amleth, com sua astúcia maravilhosa, viu que estava jogado entre duas dificuldades, uma das quais envolvia a desgraça, e a outra, o perigo; pois ele sabia que, se aceitasse o desafio, corria risco de vida, ao passo que recuar dele desgraçaria sua reputação como guerreiro. No entanto, naquele espírito sempre fixado em façanhas de bravura, o desejo de salvar a honra venceu o dia. O medo da ruína foi embotado pela ânsia por glória, que falava mais alto; ele não mancharia o brilho imaculado de sua fama ao se esquivar, temeroso, de seu destino. Ele via também que existe um abismo tão grande entre uma vida indigna e uma morte nobre quanto aquele que se observa entre a própria honra e desgraça.

No entanto, Amleth estava preso a Hermutrude por tão grande amor que ele se via muito mais preocupado com a futura viuvez dela que com sua própria morte, e pensou muito zelosamente em como escolheria um segundo marido para ela antes do combate começar. Mas Hermutrude declarou que tinha a coragem de um homem e prometeu que não o abandonaria mesmo no campo de batalha, dizendo que a mulher que temia se unir ao seu senhor na morte era abominável. Mas ela cumpriu muito mal tal promessa singular, pois quando Amleth foi morto em batalha por Viglek na Jutlândia, ela se ofereceu como espólio e noiva do conquistador. Assim são os votos das mulheres, afrouxados pela maré da sorte e corroídos pela passagem do tempo. A

fidelidade em suas almas repousa sobre solo escorregadio e é enfraquecida pelo acaso e pela oportunidade; rápidas em prometer coisas, igualmente lentas em cumpri-las, são escravas de toda sorte de impulsos da luxúria, e elas correm tomadas por um desejo ofegante e impensado, esquecendo-se do antigo na perseguição constante pelo novo.

E assim Amleth encontrou seu fim. Se a sorte lhe tivesse sido bondosa como a natureza, ele teria se equiparado aos deuses em glória e superado os trabalhos de Hércules com seus feitos e proezas. Ainda é possível encontrar uma planície na Jutlândia famosa por ter seu nome e ser seu local de repouso. O governo de Viglek foi longo e pacífico, e ele morreu de doença.

BIBLIOGRAFIA

BELLEFOREST, François de. *The history of Hamlet (Internet Shakespeare Editions)*.

Ed. David Bevington. University of Victoria, n/d. Disponível em: <http://internetshakespeare.uvic.ca/doc/Belleforest_M/complete/>. Acesso em 24/10/2018.

BLOOM, Harold. *Hamlet: poema ilimitado*. Trad. José Roberto O'Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

BULLOUGH, Geoffrey (Org.). *Narrative and dramatic sources of Shakespeare, volume 7: major tragedies – Hamlet, Othello, King Lear, Macbeth*. London: Routledge & Kegan Paul, 1973.

GERTZ, M. Cl. (Ed.) *Scriptores minores historiae Danicae, vol. 1*. Copenhagen: J. Jorgensen & Co., 1917a. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Scriptores_Minores_Historiae_Danicae_Medii_Aevi_vol_1.djvu>. Acesso em 24/10/2018.

GERTZ, M. Cl. (Ed.) *Scriptores minores historiae Danicae, vol. 2*. Copenhagen: J. Jorgensen & Co., 1917b. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Scriptores_Minores_Historiae_Danicae_Medii_Aevi_vol_2.djvu>. Acesso em 24/10/2018.

- GOLLANCZ, Israel. *Hamlet in Iceland*. London: David Nutt, 1898.
- GUDNASON, Bjarni. The Icelandic sources of Saxo Grammaticus. In: *Saxo Grammaticus: a medieval author between Norse and Latin culture*. Ed. Karsten Friis-Jensen. Copenhagen: Museum Tusulanum Press, 1981. p. 79-93.
- HANSEN, William F. *Saxo Grammaticus and the life of Hamlet*. Lincoln; London: University of Nebraska Press, 1983.
- SAXO. *Amlæth's revenge*. Trad. Reginald Spink. Copenhagen: Ministério das Relações Exteriores da Dinamarca, 1961.
- SAXO. *Gesta Danorum*. Copenhagen: Biblioteca Real da Dinamarca, 1996. Disponível em: <http://www2.kb.dk/elib/lit/dan/saxo/lat/or.dsr>. Acesso em 24/10/2018.
- SAXO. *The history of the Danes, books I-IX – volume I*. Ed. Hilda Ellis Davidson. Trad. Peter Fisher. Cambridge: Brewer, 1979a.
- SAXO. *The history of the Danes, books I-IX – volume II*. Ed. Hilda Ellis Davidson. Trad. Peter Fisher. Cambridge: Brewer, 1979b.
- SAXO. *The Danish history, books I-IX*. Trad. Oliver Elton. Projeto Gutenberg, 2006. Disponível em: <http://www.gutenberg.org/files/1150/1150-h/1150-h.htm>. Acesso em 24/10/2018.
- SHAKESPEARE, William. *Hamlet (case studies in contemporary criticism)*. Ed. Susanne L. Wofford. Boston; New York: Bedford Books, 1994.
- SHAKESPEARE, William. *Hamlet (The Arden Shakespeare)*. Ed. Harold Jenkins. London; New York: Methuen & Co., 1982.
- SHAKESPEARE, William. *Hamlet (The Oxford Shakespeare)*. Ed. G. R. Hibbard. Oxford: Oxford University Press, 1987.

¹ Referência ao período da Inglaterra renascentista durante o qual a rainha Elizabeth I reinou, de 1558 a 1603.

² Sua data exata de produção não é conhecida, mas estima-se que a peça foi escrita em algum momento entre os anos de 1599 e 1601. O crítico inglês Harold Jenkins (1909-2000) propõe a data de 1601 devido a certas alusões a eventos contemporâneos nela. Cf. SHAKESPEARE, 1982, p. 1-3.

³ Este é um dos títulos em português da obra, mas ela também é conhecida como *A tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca*, ou simplesmente *Hamlet*, ou ainda *Amleto*.

⁴ “Daneses” é como os dinamarqueses medievais eram chamados. Os dinamarqueses medievais, assim como outros povos germânicos originários da península escandinava e da região correspondente à atual Dinamarca (isto é, os getas e suevos – atuais suecos – e noruegueses, mas não os finlandeses e os lapões), são chamados de “nórdicos” pela historiografia moderna. Mesmo com suas diferenças regionais, esses povos eram ligados entre si por ancestralidade, cultura, religião e língua em comuns (cf. JONES, 1984, p. 2). Também são conhecidos popularmente como “vikings”; devido à difusão do termo não apenas na cultura popular, mas também na historiografia (fala-se em Era Viking, por exemplo, não Era Nórdica), não é necessário fazer distinção entre “vikings” e “nórdicos” apenas por questões de precisão acadêmica (cf. SIMPSON, 1987, p. 11).

⁵ Em latim, *Saxo Grammaticus*, às vezes traduzido como Saxo o Letrado. Referência ao domínio da língua latina por parte de Saxo (SAXO, 1979b, p. 1). Pouco mais se sabe sobre o autor, exceto que ele era um escrivão a serviço do clérigo danês Absalão, arcebispo de Lund e principal conselheiro do rei Valdemar I da Dinamarca; e que seu pai e seu avô lutaram a serviço desse mesmo rei (Idem, p. 9-11).

⁶ A história de Amleth (renomeado Hamlet) será recontada depois pelo autor francês François de Belleforest (1530-1583) no quinto volume da obra *Histoires tragiques*, uma coletânea de narrativas trágicas (muitas das quais eram versões novas em francês médio de composições dos períodos clássico e medieval), publicado pela primeira vez em 1570 (BULLOUGH, 1973, p. 11).

Autores como o crítico inglês Geoffrey Bullough (1901-1982) afirmam que era mais provável que Shakespeare conhecesse a história de Amleth por Belleforest que por Saxo (Idem, p. 15). Já outros, como a acadêmica inglesa Hilda Ellis Davidson (1914-2006), argumentam que a influência de Saxo sobre o dramaturgo inglês era maior do que se imaginava (cf. SAXO, 1979b, p. 2), ou até mesmo que Shakespeare se baseou em uma edição simplificada da obra danesa publicada no começo do séc. XVI (cf. SAXO, 1979a, p. 67). Há ainda uma terceira possibilidade: a de que Shakespeare teria usado como fonte uma peça anterior à sua própria, identificada atualmente como *Ur-Hamlet* (“o Hamlet original”, em uma tradução livre; “Ur-” é um prefixo alemão que significa “primevo” ou “original”) para diferenciá-la. Tal peça teria sido escrita em algum momento nos anos de 1580 (1589 no mais tardar) por um autor desconhecido, mas que se suspeita, atualmente, ter sido Thomas Kyd (SHAKESPEARE, 1982, p. 82-83; SHAKESPEARE, 1987, p. 12-13; SHAKESPEARE, 1994, p. 19). Entretanto, o crítico americano Harold Bloom (1930-) afirma que o *Ur-Hamlet* seria de autoria do próprio Shakespeare e que a peça *Hamlet* propriamente dita seria uma revisão de seu trabalho anterior (BLOOM, 2004, p. 15).

⁷ Tradução feita seguindo a abordagem da equivalência dinâmica, conforme delineada pelo linguista americano Eugene Nida (1914-2011).

⁸ No original, Rorik *Slyngebond*, também conhecido como Rorik *Slyngborre* (“Derrama-Anéis”) em outros textos. Entre os nórdicos medievais, era comum os senhores darem anéis ou braceletes valiosos aos guerreiros que os serviam como pagamento ou presentes; portanto, o senhor que “lança braceletes” aos seguidores ou “derrama anéis” entre eles é um senhor generoso. Saxo oferece outra explicação para essa alcunha, no entanto, quando conta que, em certa ocasião, Rorik tentou arremessar um valioso bracelete para alguém que se encontrava em outro navio, mas julgou mal a distância entre as embarcações e o bracelete caiu ao mar.

⁹ Região da Dinamarca. Dentro do sistema sociopolítico e militar dos nórdicos medievais, análogo (mas não igual) ao sistema feudal da Europa continental, Rorik era o rei suserano, e Horvendil e Feng eram reis vassallos a ele.

¹⁰ Breve resumo dos episódios sobre Horvendil, pai de Amleth.

¹¹ A poesia nórdica medieval fazia uso frequente de metáforas poéticas para referir-se aos cadáveres dos guerreiros caídos em batalha como “comida de corvos” ou “comida de lobos”, ambos animais comedores de carniça. Quando Amleth diz que Feng não produz comida o suficiente para alimentar “os potros

daquele tipo” – isto é, lobos –, na verdade, ele está insultando as qualidades de Feng como guerreiro e líder de guerreiros.

¹² A palha amarrada à mosca é uma referência à expressão *agnbak* (“costas de palha”), insulto usado para se referir àqueles que roubavam feixes de trigo. Ou seja, Amleth deveria se manter alerta como um criminoso para não ser descoberto. SAXO, 1961, p. 17.

¹³ O caniço era usado para se fazer telhados nessa época. No original, Saxo toma literalmente as referências a patas, cristas e telhados; nesta tradução, optamos por outra interpretação, a de que Amleth fez um jogo de palavras com os nomes dos objetos e das plantas. Ver SAXO, 1961, p. 18.

¹⁴ No original, *Britanniae rex*. *Britannia* era o nome romano para a região que corresponde à atual Inglaterra e ao País de Gales.

¹⁵ Referência ao alfabeto rúnico usado pelos nórdicos medievais.

¹⁶ Isso mostra que a bebida servida no banquete do rei era o hidromel, ou mulso, bebida feita à base de mel fermentado diluído em água.

¹⁷ Referência à prática do *weregild* (“preço por um homem”), comum aos povos germânicos antigos e medievais, na qual a morte de uma pessoa podia ser compensada à sua família com um valor monetário determinado pela condição social do morto.

¹⁸ As lanças nórdicas podiam ser usadas tanto como armas de corpo-a-corpo quanto armas de arremesso.

¹⁹ Uma cidade dinamarquesa localizada na região da Zelândia (ver mais adiante no texto), apresentada aqui por Saxo como um centro político.

²⁰ Uma região no sul da Suécia, mas que então fazia parte do reino da Dinamarca.

²¹ No original, *Undensakre*. Este nome parece ser uma transliteração de *Ódáinsakr*, ou “Terra dos Imortais” em uma tradução livre, um reino fantástico descrito na *Hervarar saga ok heidreks* como um lugar onde não se morre de doença ou velhice.